



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DE LETRAS**

**Diná Maria Santos da Silva**

**A criação da espacialidade no livro “O cortiço”  
de Aluísio Azevedo**

**PICOS  
2019**

**Diná Maria Santos da Silva**

**A criação da espacialidade no livro “O cortiço”  
de Aluísio Azevedo**

Artigo apresentado ao Curso de Letras-Português,  
da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus*  
Senador Helvídio Nunes de Barros, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
graduada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro

**PICOS  
2019**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S586c** Silva, Diná Maria Santos da.  
A criação da espacialidade no livro “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo. / Diná Maria Santos da Silva. -- Picos, PI, 2019.  
27 f.  
CD-ROM: 4 ¾ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.  
“Orientador: Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro.”

1. Análise Literária. 2. O Cortiço - Literatura. 3. Realismo  
– Estilo Literário. I. Título.

**CDD 801.85**

*Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163*

**Diná Maria Santos da Silva**

**A criação da especialidade na obra “O cortiço” de  
Alúísio de Azevedo**

Artigo apresentado ao Curso de Letras  
Português da Universidade Federal do Piauí  
(UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de  
Barros, como requisito parcial para obtenção  
do título de Graduado em Letras.

Aprovado em 12 de junho de 2019.

**Banca Examinadora:**

Welbert Feitosa Pinheiro

Prof Dr Welbert Feitosa Pinheiro (UFPI)  
(Orientador)

Christiane Leitores Pinheiro

(Examinador)

Fernanda Martins Luz Barros

(Examinador)

## A CRIAÇÃO DA ESPACIALIDADE NO LIVRO “O CORTIÇO”, DE ALUÍSIO AZEVEDO<sup>1</sup>

DINÁ MARIA SANTOS DA SILVA <sup>2</sup>

WELBERT FEITOSA PINHEIRO<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo tem por objetivo geral analisar a construção da espacialidade na obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, na qual se observa que o espaço tem a função de maior relevância, e os objetivos específicos buscam averiguar as transformações que o meio provoca nos personagens, bem como a costura dos elementos fidedignos e subjetivos, trazendo ao fio narrativo uma certa atração pelo seu estudo. O problema de pesquisa procura questionar como se deu a construção dessa espacialidade no livro “O cortiço” de Aluísio Azevedo. Este estudo utilizou-se do método bibliográfico com foco na pesquisa qualitativa, sendo possível atestar que o espaço é o fio condutor da trama, agindo na composição da narrativa e dos personagens, atentando-se inclusive ao contexto e cenário de mudança de pensamento que foi o realismo, ao qual se deu origem a obra analisada. Utilizou-se os aportes teóricos de Bosi (2015), Coutinho (1999), Rosenfeld (2007), Moisés (1996), Bachelard (1993), Cândido (2000), Schuler (2000), Dimas (1987), Bourneuf e Ouellet (1976), Tacca (1983) dentre outros.

**Palavras – chave:** O cortiço. Espaço. Realismo.

### Abstract

This article aims to analyze the construction of spatiality in the work "O cortiço", by Aluísio de Azevedo, in which it is observed that space has the function of greater relevance, and the specific objectives are an analysis of the transformations that the medium provokes in the characters, as well as the sewing of the reliable and subjective elements, bringing to the narrative thread a certain attraction for its study. The research problem seeks to question how the construction of this spatiality occurred in the work of Aluísio Azevedo. This study used the bibliographic method with a focus on qualitative research where it was realized that space is the guiding thread of the plot, acting on the composition of the narrative and the characters, even considering the context and scenario of change of thought that was the realism, to which the analyzed work originated. The theoretical contributions of Bosi (2015), Coutinho (1999), Rosenfeld (2007), Moisés (1996), Bachelard (1993), Cândido (2000), Schuler (2000), Dimas (1987), Bourneuf and Ouellet (1976), Tacca (1983), among others.

**Key - words:** The tenement. Space. Realism.

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao curso de Licenciatura em Letras- Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

<sup>2</sup> Aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras-Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Senador Helvídeo Nunes de Barros. E-mail:dina.maria.17@outlook.com

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor Adjunto da UFPI- *Campus* Senador Helvídeo Nunes de Barros, Picos – PI. E-mail: welbertfp@hotmail.com

## Introdução

O espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo um espaço indiferente abandonado a medida e reflexão geométrica. É vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. (Gaston Bachelard)

O espaço da obra analisada é imaginado, é vivido, por isso é merecido total atenção quanto a sua análise, nesse âmbito, há algo imagético, onde a descrição torna-se insuficiente diante de tamanha amplitude e acepção. O espaço constitui o papel de protagonista, fundindo-o em algo único, consistindo-se em um espelho da narrativa, abarcando em seu interior a condição dos seres, as suas condutas naturais, variabilidade de tempo e demais aspectos que dão ao ambiente a profundidade que lhes é devida.

Esse recinto deve ser compreendido em seu significado quimérico, ou seja, como núcleo de proteção, remontado aos valores de sonho, tão íntimos do ser humano quando relacionados ao espaço no qual se vivencia variadas noções de vida. A dialética desse espaço atenta-se as minúcias, e a reflexão desses aspectos trazem ao texto uma compreensão ampla da objetividade do autor.

Publicado em 1890, o livro “O cortiço” de Aluísio Azevedo abre um leque de possibilidades para a visão naturalista do autor, estética a qual se originou a obra. É característica dessa escrita, traços espelhados na realidade, no método, assim como o meio possuidor de um papel de maior destaque. Esse livro é um misto de realidade elaborada e descritiva, mas também de uma subjetividade velada nas suas entrelinhas, observa-se que o espaço adquire na obra um status subjetivo e psíquico, onde o meio, a ambientação, e os conflitos o fazem exprimir concentração e valor.

Com base na perspectiva fenomenológica sobre o espaço de Bachelard (1993), pode-se afirmar, o espaço deve ser compreendido em todas as suas parcialidades imaginativas, como um jogo de intimidades relacionados a esse espaço vivido e compreendido, não em sua realidade e descrição, mas em todos os valores de proteção. Almeja-se, com isso, confirmar como o espaço adquire a sobreposição de uma simples descrição realista.

O espaço não deve ser analisado meramente sob uma visão descritiva e visível aos olhos, esse ambiente guarda muito mais que se possa visualizar, e a espacialidade

exemplificada pelo ambiente do cortiço, cria em torno de si algo que vai além de um simples espaço habitado. Nele imperam o devaneio e a imaginação, o valor sentimental e as lembranças de experiências vividas naquele espaço, há um apego psíquico e sentimental sobre ele, conseguindo dessa forma criar raízes no interior de cada personagem.

A espacialidade constitui e determina atitudes, assim como interfere no destino de personagens. Esse recinto chama o interesse as suas bases que são reais e verossímeis, assim, o problema de pesquisa procura questionar como se deu a construção dessa espacialidade na obra. Em síntese essa construção teve início ainda na composição dos fatos exemplificados na obra de Aluísio de Azevedo. A colocação de cada contexto, a sucessão dos elementos, e a intenção do autor ao dispor de tais subsídios tornaram a trama textual forte e convincente, tornando-a algo além da simples descrição proposta pelos autores realistas.

A partir desses fatos pode-se afirmar, o objetivo geral é analisar a construção da espacialidade e o seu fator de importância sob ela, na obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, no qual foi examinado todas as relações desse ambiente com proceder das circunstâncias. Podem ser apontados como os objetivos específicos a análise das transformações que o meio provoca nos personagens, bem como a costura dos elementos fidedignos propostos pela estética naturalista e subjetivos referentes a forma em que o espaço é analisado, trazendo ao fio narrativo uma certa atração pelo seu estudo.

O estudo foi realizado utilizando da pesquisa bibliográfica e do método qualitativo em união com a análise da obra literária, donde foram providas as hipóteses para os problemas apresentados. Utilizou-se os aportes teóricos dos seguintes escritores; Bosi (2015), Coutinho (1999), Moisés (1996), Bachelard (1993), Cândido (2000), Schuler (2000), Dimas (1987), Bourneuf e Ouellet (1976), Rosenfeld (2007), Tacca (1983) dentre outros.

A investigação feita nesta pesquisa despontou da estima pela geografia espacial e, em particular, pelo livro “O cortiço” de Aluísio Azevedo que, com a sua particularidade e verossimilhança no apontamento dos contrastes sociais, postos em maioria no ambiente do cortiço, conseguindo fazer desta obra uma crítica aos preceitos da época, assim como a percepção do espaço como interventor de atitudes. Dessa forma, despertou-se o interesse de saber também sobre a vida e escritos deste autor, bem como a vontade de penetrar mais no campo espacial que a literatura oferece.

O estudo se apresenta obedecendo a seguinte estrutura: o primeiro tópico se dedica a uma breve explanação sobre o autor Aluísio Azevedo e a sua obra, com o objetivo de possibilitar uma melhor compreensão do que foi acordado no proceder da pesquisa, o segundo trata da vertente estética a que pertence a obra, o Realismo, a partir das abordagens de Bosi (2014), Coutinho (1999), dentre outros, uma vez que, Aluísio Azevedo produziu um livro permeado de aspectos verídicos. Finalmente, o terceiro e último tópico trouxe a análise do espaço e o seu enleio com o personagem, em específico o personagem do vendeiro João Romão, assim como o exame da espacialidade em diversas significações, onde foi comprovada a hipótese levantada anteriormente e, assim, resolvendo o assunto proposto.

## **1. Aluísio Azevedo: obra e estrutura**

Este tópico tem como objetivo a colocação de temas como o autor Aluísio Azevedo e a obra ao qual produziu, a estética realista e a veia naturalística, bem como a análise da espacialidade num trajeto do exterior ao interior.

### **1.1. O autor e a obra**

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís, no estado do Maranhão em 14 de abril de 1857. Filho do português Davi Gonçalves de Azevedo e de sua esposa Emília Amália Pinto de Magalhães. Davi Gonçalves possuía um cargo de vice-cônsul em São Luís, lugar onde Aluísio Azevedo teve acesso a seus primeiros estudos. Aluísio Azevedo tencionava seguir carreira nas artes como pintor, realizando estudos superiores em Roma, porém seu pai não o consente. A pedido do irmão, Artur Azevedo, ele viaja ao Rio de Janeiro, dando início a seu trabalho como caricaturista em redações de jornais, como Fígaro, Zig-Zag e o Mequetrefe, que muito contribuíram para sua pintura dos personagens em trabalhos posteriores.

Em 1880, Aluísio Azevedo publica sua primeira obra, um romance um tanto sentimental, arraigado ao convencionalismo romântico chamado, “Uma lágrima de mulher”, mas é na obra “O mulato”, em 1881, que adquire maior destaque literário. A publicação é um advento do naturalismo, sendo até caracterizada como a primeira de cunho naturalista no Brasil, expondo em seu interior o preconceito racial presente na época, ao qual se provinha em maioria das famílias ricas da província e principalmente dos abusos clérigos da sociedade ludovicense. Com livros publicados e sucesso em



alguns, o autor passa a viver da sua escrita, e de 1882 a 1895 vive exclusivamente de seus atributos como escritor.

Há em suas duas primeiras publicações uma grande alteração. A primeira obra “Uma lágrima de mulher”, se traduz ainda na estética romântica, e que ainda segundo Coutinho (1999, p.76) “[...] é o livro que marca a transição do gosto da pintura para o gosto da literatura, na vida de seu autor [...]”, ou seja, a sua mudança de caricato a romancista acontece neste momento, passando a pintar não mais telas e sim tipos ou mesmo personagens.

Já a segunda publicação, “O mulato”, o seu modo de narrar é modificado pela compreensão da realidade e da arte literária, alteradas pelo movimento realista de então. Nota-se, também, a influência de outros autores da então estética recém-chegada no Brasil, como o autor Eça de Queirós, momento no qual Aluísio Azevedo tem contato com as publicações das obras “O crime do padre Amaro” e “O primo Basílio”, que abriu aos olhos do autor a veia naturalística. Esse entremeio nestas obras é de significância assaz, pois demarca o processo vivido pelo escritor na literatura, as suas modificações de pensamento, de escrita e compreensão do cenário atual.

O escritor compõe romances, contos, revistas e operetas, havendo um intenso e frugal realismo, especificamente nas obras “Casa de pensão” e “O cortiço”. Em 1895, ingressa na carreira de cônsul, indo morar em diversos países. O autor casou-se em Buenos Aires com uma senhora argentina, com quem teve um filho. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, com muitas obras publicadas dedicadas a literatura, sendo seus escritos extensos e de suma importância para a ficção. O escritor morreu aos 55 anos em Buenos Aires. Conforme Bosi (2015, p.188),

[...] Aluísio foi expoente de nossa ficção urbana nos moldes do tempo. Hábil tracejador de caricaturas nas folhas políticas do Rio procedeu o autor do *mulato* e ensinou-lhe a arte da linha grossa que deforma o corpo e o gesto e perfaz a técnica do *tipo*, inerente à concepção naturalista da personagem.

Todas essas facetas realçadas acima, fazem jus a ficção de Aluísio Azevedo, que tinha como característica a revelação dos fatos, e a pintura caricata dos homens da época (personagens, tipos). Esses indivíduos postos em cena pelo autor são colocados em grandes aglomerações, centros urbanos, espaços de cortiços, pensões, ambientes industrializados, a qual evocam a esse tipo de romance uma fixidez, nos tipos e espaços.

A obra de Aluísio Azevedo descrita pelos críticos, foca-se em dois componentes principais: a criação de tipos e a fixação de espaços, assim como as ambientações. Segundo Coutinho (1999, p.75), “[...] Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Júlio Ribeiro e Adolfo Caminha, as quatro representativas do naturalismo brasileiro, inclinaram-se pela cópia da realidade, com um ou outro traço de tinta violenta e crua [...]”. Ficcionalista nato, o autor reproduz fielmente em suas obras um acentuado gosto pela arte de copiar a sua realidade, como acontece em seus romances mais célebres, como “O mulato”, “Casa de pensão” e “O cortiço”. Neles, a descrição é a guia da pena, face a elementos táteis e verossímeis captados do real, indo, dessa forma contra a estética já decadente, o romantismo, e frutificando na ficção elementos da estética realista.

O autor descrevia fatos do cotidiano, retirados do meio à sua volta, Azevedo (2014, p.28) descreve,

Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após os outros, lavavam a cara, incondicionalmente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão.

O romancista põe nesta passagem, um cenário de aglomerações, são inseridos homens e mulheres, pessoas que formam um grupo, no caso o de um cortiço. Apresentam-se também descrições da vida momentânea destes personagens, momento em que o escritor coloca os indivíduos em um meio, descrevendo minuciosamente os detalhes e ações típicas do enredo realista, e condizente Bosi (2015, p.190),

[...] só em O cortiço, Aluísio atinou de fato com a fórmula que se ajustava ao seu talento: desistindo de montar um enredo em função de pessoas, ateve-se a sequência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto, do cortiço a personagem mais convincente do nosso romance [...].

O universo ficcional do autor versa entre a arte, assim como a polêmica. De acordo com Bourneuf e Ouellet (1976, p.13) “o romancista que quer incitar ao compromisso, leva o leitor a uma tomada de consciência dos problemas do nosso tempo, dá-lhes um

sentido arbitrário”, Aluísio Azevedo bem soube se ater a esses assuntos, retratados na maioria de seus romances, isso reflete os problemas aparentes da sua sociedade, por isso ele se estende sob a pintura dos personagens, do espaço, se empenhando numa representação baseada em aspectos reais, que transparecem o seu caráter denunciativo para as suas obras.

Seus personagens eram apresentados de forma rasa, sem muitos aprofundamentos ou mergulhos interiores, manifestos de um reflexo da massa em que estava inserido, produto fiel de uma sociedade que estava a passar por profundas mudanças em pensamentos e ações. Por isso, o autor se vê no dever de contar a história da sua época através da literatura ficcionista, para ser mais precisa do realismo percebido e perpassado pela época, alinhando condições humanas ultrajantes e meio ambiente sórdido na composição de seus romances.

De acordo com Moisés (1996, p.110), os personagens “[...] podem ser ordenados em dois grupos, conforme suas características básicas: personagens redondos e personagens planos”, sendo assim, os personagens são pintados por Aluísio no livro “O cortiço” como planos, já que não apresentam grandes aprofundamentos em sua constituição. Os personagens planos apresentam-se como seres representantes de tipos ou mesmo caricaturas, pois, não se observam vultosas modificações, tendo em vista como um de seus atributos a estaticidade.

Refletindo sob o livro “O cortiço”, há alguns questionamentos a respeito do foco que o enredo do livro propõe, como os personagens dele derivados, o ambiente no qual vivem e nos assuntos transcorridos em suas vidas. Vendo por esta perspectiva, Candido (2009, p.53) afirma, os personagens são indissolúveis no romance, pois:

[...] quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nos personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida em que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino- traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente.

E é sob essa visão que Aluísio Azevedo compõe os seus personagens, colocando-os de maneira suscetível ao ambiente, sendo por vezes determinados pelo local a que foram postas. Ao falar da vida, dos problemas vividos por estas figuras postas nos romances do autor, percebe-se um realismo latente, onde o objetivo é mostrar a realidade como se é, sem fantasias ou idealizações, trazendo ao texto narrativo problemas, relações

de poder, circunstâncias as quais obrigam a enxergar os aspectos com todas as limitações, que por vezes revelam sofrimento e diminuem o ser humano.

Ao analisar a obra do autor, pode-se constatar que o espaço muito interfere na construção do enredo e dos personagens pintados por ele. Ambos parecem se completar, tornando-se um elemento único, em que um reflete o outro, como um espelho. Estes, quando examinados mais a fundo, mostram entrelaçamento e dependência. Consoante Azevedo (2014, p.5),

João Romão foi, 13 aos 25 anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro.

Neste fragmento, percebe-se a forte ligação do personagem João Romão com o espaço no qual se desenvolveu a sua trajetória. As paredes, a venda, esse ambiente sujo e obscuro evoca no personagem efeitos que interferem na sua composição dentro da obra ficcional. A linguagem utilizada neste trecho ocasiona, por si só, uma análise mais minuciosa. Observa-se um tom de ascensão a riqueza, traços notados na composição do próprio livro “O cortiço”, na qual o mesmo objetiva passar a seu leitor uma descrição realística dos fatos, no qual a ambientação muito intervém no desenrolar dos acontecimentos.

#### 1.2 Realismo: conceito e relações extratextuais

A estética realista, assim como as outras, é de difícil caracterização, pois, pode-se cair no risco de fazê-la menor, generalizada, submetida a termos que não abarcam por completo o seu significado. Esse movimento literário surge na segunda metade do século XIX, e prega a predileção da descrição da realidade, que, de acordo com Bourneuf e Ouellet (1976, p.141), “a descrição representa objetos simultâneos e justapostos no espaço”. Essa maneira de versar sobre os aspectos, colocando lado a lado, funciona como guia da pena dos poetas da época, sendo os dados justapostos de acordo com a realidade.

Segundo Bosi (2015 p.169) “[...] no romance moderno já se exibiam poderosos dons de observação e de análise [...]”, particularidades próprias dessa nova fase que vem advindo no Brasil, o Realismo. Desnudando as mazelas, expondo a vida cotidiana, os problemas que ela provoca, os vícios e todo tipo de elemento verdadeiro da sociedade da

época, o escritor realista se verá no papel de trazer a realidade em que vive para a obra, descrevendo-a em sua forma mais fidedigna.

O Realismo é resultado de categorias estéticas ou mesmo de temperamentos artísticos, propensões sucedidas através dos pensamentos do homem e da sua alma. Esse indivíduo estava a passar por profundas mudanças de pensamento, as conjecturas se renovavam, o apego material estava no auge, por isso viu-se a necessidade de transcrever esses aspectos na obra literária. De acordo com Coutinho (1999, p.4) “[...] surgindo o Realismo sempre que se dá a união do espírito à vida, pela objetiva pintura da realidade”, consistindo, dessa forma, em uma estética que se volta a descrição fiel dos elementos reais, como uma cópia inspiradas nas coletividades do período subjacente.

De modo geral, o fim do século XIX marca algumas mudanças de pensamento humano. Conforme Bosi (2015, p.166) “[...] um bando de ideias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte”, influenciando política, economia e pensamento humano, resultando uma revolução na vida e nas ideias. Essa geração realista desenvolveu-se um pensamento materialista. Segundo Coutinho (1999, p.6), “[...] é geração do materialismo [...] que levou os homens para o interesse e a devoção pelas coisas materiais”. Havendo uma febre de devoção aos bens materiais, em apossar-se deles, esse pensamento apoderou-se no homem desta época, fato que os levou até a mais alta loucura para enriquecer e ascender as classes mais altas.

Esse movimento literário subjaz uma forma nova de enxergar a vida, ele a vê com o olhar mais objetivo, trazendo interpretações inovadoras sobre a cultura tradicionalista do momento vivente, apresentando em sua base a verossimilhança dos fatos. Coutinho (1999, p. 10) afirma,

O Realismo procura apresentar a verdade. Esse tratamento verdadeiro do material, essa verossimilhança no arranjo dos fatos selecionados, unificados, apontando numa direção, é essencial, e se traduz também no uso da emoção, que deve fugir ao sentimentalismo ou artificialidade. [...] o Realismo fornece uma interpretação da vida. Retratando objetivamente a vida, o Realismo, todavia, dá-lhe sentido, interpreta-a.

Eis aí algumas das características dadas ao Realismo. De fato, são esses elementos que permeiam esse tipo de romance, em que a direção é a apresentação da verdade, compondo-se da descrição de fatos selecionados do tangível. A estética realista põe sob estudo, perspectivas reais da vida, o seu objeto traz elementos palpáveis e vistos aos olhos.

O que o romancista desse movimento faz é transmitir verdade para a obra circunscrita, pondo-a sentido, interpretando tais caracteres e lhes dando vida.

A representação literária da realidade, valoriza a criticidade dos fatos, uma análise profunda sob os problemas, os costumes e a mentalidade, propondo reflexões, relacionando confronto assim como ideologias doutrinárias. Sob o ponto de vista de Reis (1999, p.436-437),

[...] o Realismo valoriza a observação como instrumento de conhecimento, conduzindo a análise minuciosa dos costumes; ao mesmo tempo, essa análise dos costumes constitui o suporte metodológico de uma crítica social de intuito reformista, num quadro ideológico anti-idealista e anti-romântico. [...] o realismo privilegia uma visão materialista das coisas e dos fenômenos [...].

Esse movimento literário vai de oposição ao anterior, o romantismo, ele procura criar um novo quadro ideológico, desde seu início já retém muitas atenções, a começar pela exímia observação, a exame crítico dos costumes da sociedade daquele momento. O Realismo confere a realidade materialista como um dos seus objetos de estudo. Esse fenômeno prende o observador, a sua materialidade, objetividade e descrição, que pretendem através da verificação desses fatos uma análise individual e social.

Diante disso, o romance realista põe o mundo diante dos olhos do seu leitor, fascina-os com a pintura delineada dos personagens, da espacialidade e do tempo, artifícios utilizados em prol da arte literária. Essa arte, segundo Schuler (2000, p.12) “[...] tem o dever de manter vivo o fluxo da história ao fazer surgir o novo. A arte não acompanha história, ela faz história”. E é justamente isso que a estética realista é, ela representa o novo, uma visão seletiva da vida, retirando os aspectos mais interessantes ao público, se fazendo por vezes necessária ao romance, por isso o seu enleio junto a arte literária, pois, juntas elas fazem surgir um carimbo na história literária.

Um dos livros que mais projetam esse pensamento realista na literatura brasileira, é o livro “O cortiço” de Aluísio Azevedo. Esse romance, reconhecido como obra crucial na produção literária, expoente de todos os caracteres do movimento naturalista, tem como caracteres a exibição da realidade, a denúncia das mazelas, a promiscuidade do ambiente e dos personagens, que a fizeram o primor do Naturalismo. O naturalismo surgiu a partir do realismo, como uma subcategoria deste movimento. O naturalismo pregava os preceitos de realidade extrema nas obras, além de uma junção com o conceito do homem exposto a leis do ambiente, sendo o mesmo subjugado ao meio em que vive.

Conforme Bosi (2015, p.192), “[...] O cortiço foi um passo adiante na história da nossa prosa”, já que a obra é um recorte verdadeiro e verossímil do período, nítido em apresentar seus aspectos, que marcara a literatura brasileira até o aparecimento do modernismo.

Na obra “O cortiço”, se observa um realismo explícito, permeado em todas as cenas descritas pelo seu autor, como a representação de cenas cotidianas. O crescimento das cidades, a ampliação das indústrias, o enriquecimento rápido, e a pobreza da época, demonstram essa intenção. Não há como não notar a inserção de um quadro real da sociedade brasileira, e isso muito se deve as constantes mudanças ocorridas naquele momento. A crise no setor econômico, ligada a abolição da escravatura e a extinção da mão de obra negra, balançaram as últimas décadas do período, fazendo com que fosse necessária uma mudança na escolha do trabalhador. Os grandes empregadores foram obrigados a importar mão de obra, ocasionando a admissão de trabalhadores assalariados, em maioria de origem estrangeira.

O ambiente urbano, aumentava em uma rapidez a perder de vista, e por isso se via a necessidade de haver trabalhadores estrangeiros e brasileiros, sobretudo portugueses e italianos, como é exposto no livro “O cortiço”. Esse ambiente foi projetado em uma obra realista, um cortiço onde há uma mistura de pobreza, de grupos, exposição de vícios, retirados da vida prática.

### 1.3 Espacialidade: um trajeto do exterior ao interior

Muito se fala sobre a importância do espaço na obra literária. O espaço começa a ser definido na obra através do romancista, que cria uma série de indicações geográficas, levando o leitor a lançar a imaginação sob o espaço, explorando-o e cobrindo-o de significado. Ou seja, esse ambiente adquire múltiplos significados, que o faz de importância ímpar a compreensão do texto.

O espaço na obra pode ser retratado de forma física, descritiva e sobretudo imaginativa. Ele pode se constituir sob raízes reais ou fictícias, contendo personagens ou não em sua composição. O espaço suscita imagens, um corpo de imagens, um âmbito de proteção e cuidado, integrando imaginação, devaneio, signos de pequenez e grandeza, miniatura e imensidão, que ajudam a compreender toda a objetividade da obra.

De acordo com Schuler (2000, p.74), “[...] as imagens suscitam novas imagens no jogo da imaginação generalizada, jogo de leituras e leitores que transcorre na livre

indecisão entre o afastamento e a vizinhança do observado”. A imaginação e o seu conceito de imagens é que suscitam significância a espacialidade, através das imagens criadas na imaginação sob os espaços vividos é que se pôde constituir o espaço, pelo viés do sentimento, do sonho e ainda o apego psíquico que o mesmo provoca.

O espaço em seu significado, diz ser uma extensão infinita, contendo em seu interior extensões finitas e de todos os objetos possíveis ou impossíveis. Por essa singela síntese de seu conceito, muito se pode inferir sobre esse assunto, o espaço. Esses espaços, na visão de Bachelard (1993, p.196) propõem determinar o “[...] seu valor de proteção, que pode ser positivo, ligam-se também valores imaginados, e esses valores são, em pouco tempo, valores dominantes”. Pode-se dizer, então como os valores de proteção se remontam ao espaço, é pelo viés da imaginação, do que se imagina e se projeta nestes locais, detendo em sua significação a dominação sobre distintos assuntos.

Ao analisar o espaço, se percebe que o mesmo vai além de uma geografia do ambiente, de uma visão geométrica, pois, em conformidade com Bachelard (1993, p.184) “[...] uma simples imagem não deixa de ter uma grande repercussão psíquica”, ele adentra as visões imaginativas, concedendo valores singulares a cada espacialidade habitada, havendo uma essência íntima e integradora. Segundo Schuler (2000, p.73),

[...] a imaginação ordena as partes num todo móvel, aberto, repleto de indeterminações: o imaginário. Imaginários são ainda outros universos, também os da ciência. Todos os sistemas de palavras, símbolos constroem universos imaginários. Fora do imaginário fica o real, ao qual não temos acesso direto. O imaginário nos permite que deles nos aproximemos e com ele convivamos.

O imaginário faz parte do conceito de espaço, ele delibera a construção de universos imaginários, onde os pensamentos são livres e permeados pelo sonho e imaginação. Segundo Bachelard (1993, p.199) “[...] não se trata de descrever casas, de detalhar os seus aspectos pitorescos e de analisar razões de seu conforto. É preciso ao contrário, superar os problemas da descrição”. Considerar o espaço como um objeto, vai em oposição a seu real significado, que é de magnitude e complexidade, não se trata de descrevê-lo, de detalhá-lo, pelo contrário é preciso sobrepujar esses conceitos ínfimos que não abarcam a sua acepção.

A teia textual é composta de diversos tipos de espacialidade. Há nele espaços amplos e gerais, como a rua, o teatro, os armazéns, a pedreira, exemplificadas no livro “O cortiço”, assim como há os espaços restritos como quartos, pátios, vendas (mercados), casas e tinhas, onde encontram-se em destaque atributos, que os denotam de maneira peculiar, tal qual o cheiro, roupas, a comida, o calor, o barulho, a umidade, a posição dos



moveis e etc. Esses fatores trabalham no nível imagético do romance, articulando e se fazendo de suma importância à compreensão da espacialidade.

Há no romance naturalista uma vinculação ao espaço, há uma descrição desses em minúcia de detalhes, que pode vir a caracterizar-se como um risco, já que a descrição dá um certo nivelamento ao ambiente, o que acaba por distanciar o espaço do seu significado principal que é o de devaneio, imaginação, amplitude. Conforme Dimas (1987, p.42), “[...] o risco maior da descrição é a capacidade de nivelamento das coisas, ao mesmo tempo que magnifica e hipertrofia o ocidental com o prejuízo do conjunto dramático”. A descrição funciona como uma faca de dois gumes, pois, ao mesmo tempo em que aumenta a sua disposição na literatura, ela nivela o espaço e minoriza sua significação.

O apego dos seres humanos a espacialidade se deve a sua capacidade de simbologia e valores. De acordo com Rosenfeld (2007, p.236) “[...] a capacidade do símbolo é reservada ao homem, nenhum outro animal parece possuí-la”. O homem é único, exclusivo quando se fala em pensamento, capaz de dar significação ao menor detalhe ou mesmo ruído, podendo simbolizar os espaços, as situações e tudo quanto lhe parecer interessante. O símbolo é um sinal particular, assinala situações concretas, vitais, temporais, e pode ultrapassar os limites da realidade, designando outras significações diante de uma situação semelhante.

Na literatura, o espaço é estudado sob várias formas, e isso se deve ao olhar de quem o analisa. Devido a esse fator, procurou-se avaliá-lo em seu sentido subjetivo, íntimo. E para o embasamento deste estudo, contou-se com o aporte crítico, de Bachelard (1993), no qual conceitua o espaço em vivências, imaginações, sonhos, que fazem crer o espaço como deliberador de sentimentos e as mais elevadas emoções. Esse olhar foge dos conceitos geográficos e científicos propostos por teorias diversas, nas quais se fazem embasar por dados conhecidos e finitos.

Bachelard (1993, p.185) afirma que “[...] a imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é dádiva de uma consciência ingênua”, ou seja, de acordo com esse pensamento, não é necessário que possua saberes, mas sim que se sinta com toda intensidade de uma consciência ingênua, capaz de deixar a imaginação fluir pelas imagens postas pelo espaço.

A imagem entrelaça a consciência íntima do ser e o devir de expressão, que de acordo com Bachelard (1993, p.188),

[...] a imagem chegou as profundidades antes de movimentar a superfície. [...] A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso, ela é a expressão criado do ser.

Esse trecho retoma a imagem como resultado do devir de expressão do ser, do seu contato nasce um sentimento forte, criado através das impressões provocadas pelas imagens em cada criatura. Essa leitura se faz de forma verdadeira, aproveitando-se de situações momentâneas em que a imagem advém como algo maior que outros aspectos, merecendo de fato maior importância.

## **2 O cortiço: do realismo ao subjetivismo**

O “O cortiço” como livro amplo de assuntos que é, se vê necessário um resumo de sua obra, o movimento no qual se encaixa e ademais uma análise mais criteriosa de um aspecto específico no livro, no caso o espaço, assuntos esses que serão retratados nos tópicos a seguir.

### **2.1 O retrato de uma época: resumo do livro “O cortiço”**

No fim do século XIX, precisamente em 1890 publica-se o livro “O cortiço”, do autor Aluísio Azevedo. Esse livro conta a história de um cortiço que nasce em meio a uma sociedade em transformação. Surge no seio do Rio de Janeiro, e traz em seu interior a ganância, a promiscuidade, a pobreza, com personagens inseridos em um espaço insalubre e sórdido.

O romance narra a sociedade, mais precisamente o começo de vida do futuro comerciante João Romão. Esse homem se vê com economias deixadas por seu antigo empregador, no qual ele enxerga a possibilidade de enriquecer através dessas reservas. A base da trama mora igualmente no crescimento das cidades, na ascensão a riqueza, assim como nos problemas sociais, os quais se ostentam ao longo do livro “O cortiço”.

João Romão, estabelecido em sua propriedade, investiu com tudo no trabalho. Seus pensamentos visavam um enriquecimento, e por isso não se importava em passar as mais duras necessidades. Ganancioso e astuto como era, tratou logo de prover lucros de Bertoleza, a quitandeira. De acordo com Azevedo (2014, p.7), “Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula”, achando-se dessa forma o vendeiro um jeito de assenhorar-se dela, fazendo-a de propriedade sua. Enganava os

seus fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, e fazia de tudo para ter mais e mais dinheiro. Tanto fez, que com suas economias mais as da Bertoleza, conseguiu comprar uma boa parte da pedreira que havia por trás do cortiço.

A esse mesmo tempo, muda-se para o sobrado ao lado da venda, o comerciante Miranda com sua família e agregados. O comerciante logo rejeita aquela vil imagem da pobreza perpassada pelo cortiço, repugna-lhe o dono Romão, e todos que formam aquelas habitações. Segundo Azevedo (2014, p.16) “O Miranda rebentava de raiva. \_ um cortiço! Exclamava ele possesso. Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa o malvado!”

Miranda era casado com Estela, casamento de aparências, feito a custos de enriquecê-lo, deste casamento lhe nascera Zulmira. As figuras de Miranda e João Romão eram as mais importantes destes dois âmbitos, eles não se suportavam, ambos possuíam inveja um do outro. O comerciante pelo desenvolvimento rápido de Romão, e o vendeiro pela posição de destaque a qual Miranda ocupava na sociedade fluminense. De acordo com Azevedo (2014, p.18) “ Tinha inveja do outro, daquele outro português que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa!”.

No cortiço, moravam pessoas de todas **idoneidades e nacionalidades**, em maioria labutadores da pedreira e lavadeiras, gente padecida, alimentada de todas as agruras da vida desprezível de um cortiço. Evidenciam-se as figuras, Rita Baiana, o capoeira Firmo, Jerônimo, Piedade, Pombinha e Leônia. Jerônimo, português nato, homem trabalhador, e temente as regras de pai de família, vê-se influenciado pelo ambiente do cortiço, havendo uma profunda alteração nos seus atos. No fim da trama, se encontra relaxado com o trabalho, infiel a esposa, rendendo-se aos encantos de Rita Baiana e, por fim, até homicida se tornou, quando criou uma emboscada, culminando com o falecimento do capoeira Firmo. Consoante Azevedo sobre o assassinato de Firmo (2014, p.159),

A chuva engrossava. Ele gora, assim debaixo daquele bate-bate sem tréguas, parecia muito menor, minguava como se estivesse ao fogo. Lembrava um rato morrendo a pau. Um ligeiro tremor convulsivo era apenas o que ainda lhe denunciava um resto de vida, os outros três não diziam palavra, arfavam, a bater sempre, tomados de uma irresistível vertigem de pisar bem a cacete aquela trouxa de carne mole e ensanguentada, que grunhia frouxamente a seus pés. Afinal, quando de todo já não tinham forcas para bater ainda, arrastaram a trouxa até ribanceira da praia e lançaram-na ao mar. Depois, arquejantes, deitaram a fugir, a toda, para os lados da cidade.

**Comentado [WU1]:**

Insira fragmentos da obra para confirmar isso. A obra deve ser o centro do discurso. O leitor precisa ler os fragmentos. Eles são a prova de que você está dando informações certas.

Ao longo da trama, percebe-se a mudança na relação de João Romão e Miranda. Ambos se aproximam, a causa disso está na mudança do vendeiro, que passa a vestir-se melhor, frequentar lugares de melhor índole, como o teatro e praça pública aos domingos, assim como a sua opulência rápida e contínua. Com isso ele procura alçar na sociedade fluminense, propondo até casamento a Zulmira, filha de Miranda, inquirindo através desse casamento solidificar seu nome na sociedade. De acordo com Azevedo (2014, p.201),

Mas, só de lembrar-se da sua união com aquela brasileirinha fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desinsofrida avidez de sua vaidade. Em primeiro lugar fazia-se membro de uma família tradicionalmente orgulhosa, como era, dito por todos, a de dona Estela; em segundo lugar aumentava consideravelmente os seus bens com o dote da noiva, que era rica e, em terceiro, final, caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía, realizando-se deste modo um velho sonho que o vendeiro afagava desde o nascimento da sua rivalidade com o vizinho.

Mas, há um empecilho, a sua amante e sócia Bertoleza. Vivia a pensar como se livraria deste obstáculo para o seu casamento. Contando com a ajuda de Botelho, agregado da família do comerciante Miranda, o vendeiro acabou por recordar-se que havia mentido a Bertoleza sobre sua liberdade, e acabara por decidir-se a denunciá-la, entregando a mesma a seus donos como escrava fugida. Em atitude desesperadora, a quitandeira suicida-se, possibilitando dessa forma casamento de João Romão com Zulmira. Em concordância com Azevedo (2014, p.222),

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmadas no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.  
Os policiais, vendo que ela não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se de um salto com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

## 2.2 João Romão, fusão do personagem com o espaço

Um dos personagens mais importantes do livro “O cortiço” é sem dúvidas João Romão, senhor e proprietário, da venda, do cortiço e da pedreira. O personagem, de acordo com Tacca (1983, p.121), “[...] constitui sempre uma das dimensões fundamentais do romance”, funcionando como interventor em boa parte dos acontecimentos da obra

citada, consistindo-se o vendeiro, portanto, em um personagem chave no desenrolar dos fatos textuais, pondo-o como meio fundamental ao sentido total do referido romance. Conforme Cândido (2009, p.59),

[...] Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação.

Neste caso, o personagem ajuda a compor o enredo, dá-lhe recursos e significação a outros elementos da narrativa como espaço, a qual também se utiliza do preceito da imaginação. O romancista enleia o personagem ao ambiente, objetivando passar ao leitor a noção de vida, como um apreendimento dos recursos oferecidos pelo romancista.

Moisés (1997, p.178,179) afirma que no “romance [...] o cenário avulta de importância, as vezes assumindo papel decisivo na configuração da personagem, como no romance realista e naturalista”. A exemplo disso tem-se a teia discursiva proposta pelo livro *O cortiço*. O personagem João Romão trabalha como uma demonstração de entrelaçamento, entre personagem e espaço, fazendo-o por vezes tão influenciado pelo ambiente em que vive, que o mesmo acaba por interferir na sua construção.

O espaço acompanha João Romão em seu crescimento em riqueza e ascensão social. De acordo com Bachelard (1993, p.263) “[...] a casa é a própria pessoa, sua forma e seu esforço mais imediato; eu direi, seu sofrimento”. A partir disso, pode-se inferir que a casa é o espaço onde Romão toma a sua forma, que em início o cortiço tinha; suja, obscura, pequena e desinforme; onde o vendeiro emprega o seu sofrimento e esforço, afim de enriquecer e elevar-se socialmente, colhendo posteriormente um ambiente limpo, requintado, condizente a nova classe, a burguesia.

O vendeiro associava-se a seu espaço com tanta fidelidade, que a ele se fundia, rendendo-se sempre a cuidar de seus bens, deixando até de gozar dos rendimentos da pequena venda, para investir na mesma e fazê-la crescer mormente o tempo. De acordo com Azevedo (2014, p.7),

João Romão não saía nunca a passeio, nem ia a missa aos domingos; tudo que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a Caixa Econômica e daí então para o banco. Tanto assim que, um ano depois da aquisição da crioula, indo em hasta pública algumas braças

de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela.

Esse cuidado com o espaço e ademais com os seus lucros fizeram com que lhe rendessem boas somas, lhe possibilitando comprar seus primeiros pedaços de terra, lugar onde tratou logo de construir as primeiras casinhas, que futuramente se tornariam o cortiço São Romão. Em conformidade com Azevedo (2014, p.8), João Romão afirmava,

Hoje quatro braças de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, a proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores.

A partir destas afirmações, pode se concluir que a sua intenção, era a de crescer cada vez mais os seus bens, assim como ampliar as suas conquistas financeiras, pensamento advindo da era materialista em que surgiu João Romão. Azevedo (2014, p.15) afiança, o vendeiro vivia “[...] olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas”. Romão tinha caracteres de homem sem escrúpulos, aproveitador e ganancioso, capaz de assenhorar-se do alheio para encher de moedas de ouro o seu bolso.

Bourneuf e Ouellet (1976, p.151) afirmam, “[...] a revelação das personagens pelo meio ambiente é uma concepção presente em muitos romances importantes do século XIX, como um processo de caracterização, entre outros ou como uma teoria de pretensões científicas”. Essa revelação muito diz sobre João Romão, ele funciona como uma espécie de personagem criado sob as concepções da época, advindas da veia realística, que aliava o homem ao seu espaço. Aluísio Azevedo bem soube aliar o nascimento e a trajetória de um cortiço com o homem, assim como a seu percurso narrativo, fazendo do enredo desta trama, um romance revelador.

O romance “O cortiço” tem caráter revelador, por apresentar uma intensa denúncia dos contrastes sociais, Bosi afiança (2015, p.169), “o escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir lhes a verdade [...]”. As denúncias seriam a exposição da vida cotidiana de um cortiço, no qual apresenta as piores moléstias de uma sociedade, como a falcatura, a mentira, a pobreza extrema, as promiscuidades e as subjugações ao operário, submetendo os personagens a um estudo verossímil de seu comportamento em sociedade. Dessa forma, a obra possui acuidade impar na revelação

de uma época, versada através de uma construção factual e sucessória de ambientes, assim como de personagens, que enleiam-se formando um enredo singular.

O espaço em volta de João Romão o traduz, passando por diversos estágios. O primeiro deles o de sonho, imaginação de um futuro espaço ainda não construído em sua realidade, mas que por si já cria raízes no vendeiro. De acordo com Azevedo (2014, p.13) ele tinha um sonho “[...] que ultimamente o trazia preocupado – a criação de uma estalagem em ponto enorme, uma estalagem monstro, sem exemplo, destinada a matar toda aquela miuçalha de cortiços que se alastravam por botafogo”.

Esse devaneio, ainda arraigado em estágio imaginário, logo toma proporções reais, com a construção posterior desta estalagem, confirmando-se segundo Bourneuf e Ouellet (1976, p.141) que “[...] o espaço, quer seja real ou imaginário, surge, portanto, associado, ou até integrado, às personagens, como o está a ação [...]”. Estas inter-relações tornaram a obra um misto de descrição proposta pelo realismo, tão consolidado na época, e o subjetivismo, referido, por sua vez pela fusão do espaço e seu aspecto sentimental provocados nos personagens. Conforme Fatigatti (1972, p.208),

[...] o tema do romance de Aluísio Azevedo é o nascimento, vida e morte de um cortiço: a ambição e a exploração do homem pelo homem. A história do cortiço é, portanto, a história do próprio João Romão – reveladora não apenas de um processo de enriquecimento, mas sobretudo de contrastes sociais[...]

Essa afirmação corrobora, com o que foi dito anteriormente, sobre o entrelaçamento do cortiço com o vendeiro, pois ambos nascem e se desenvolvem lado a lado, criando raízes um no outro. Já que, segundo Tacca (1983, p.121) “[...] o personagem está intimamente ligado aquilo que se conta” e, por sua vez, se refere ao enredo proposto pelo escritor no livro, no qual essa figura está intimamente ligada.

João Romão é apresentado na obra “O cortiço” pelo narrador, como um ser sem escrúpulos, aproveitador, um verdadeiro verme da sociedade. Neste caso, há conforme Tacca (1983, p.123) uma dependência “[...] do narrador, do seu manejo dos estilos (directo, indirecto, indirecto livre) depende a nossa relação de leitores com os personagens”, devendo observação a essa relação de fatos, ao olhar incitado pelo narrador.

Neste caso, o narrador da obra é onisciente, que, segundo Bosi (2015, p.190) ele assume “[...] uma perspectiva do alto, de narrador onisciente, ele fazia distinção entre a vida dos que já venceram, como João Romão, o senhor da pedreira e do cortiço, e a labuta

dos humildes que se exaurem na faina da própria sobrevivência”, esse narrador conhece toda a urdidura textual e detalhes da mesma, que é, por sua vez, voltada a descrição factual.

### 2.3 A construção da espacialidade na obra “O cortiço”

Para se estudar o espaço é preciso se valer, de variadas noções, desde as de cunho físico, palpáveis, como as apresentadas no livro abordado neste trabalho, como as noções partilhadas pelo teórico Bachelard (1993), que prega a espacialidade como uma ambientação psicológica, que nela integram-se amplitude e experiência. O cenário configurado em “O cortiço”, chama a atenção pela sua espacialidade, os sentimentos e subversões que o mesmo produz, o qual instigam nos personagens diferentes ações comportamentais, por vezes os subordinando a atuação psicológica deste ambiente.

No livro, a espacialidade é citadina, ou seja, urbana, mais precisamente a de um cortiço, proposto por Aluísio Azevedo em sua obra de mesmo nome. Segundo Moisés (1996, p.107), “[...] se se trata de história urbana, o cenário será predominantemente o construído pelo homem, ou seja, o interior de uma casa (sala de visitas, sala de jantar, quarto de dormir, sótão, mansarda, cozinha, etc.), ou as ruas [...]”, isso reafirma as bases de um romance urbanístico como é o caso da obra “O cortiço”, na qual se analisou a capacidade influenciadora da espacialidade construída pelo homem.

Moisés (1996, p.108) afirma que, “[...] a relevância do lugar na ficção citadina variará de acordo com a forma literária (o conto, a novela ou o romance) e a tendência estética ou ficcional (a ficção romântica, realista, etc.)”, isso se exemplifica em traços postos no romance estudado, que coroa a geografia do espaço como um aspecto de relevância. A estética realista a qual pertence, bem soube unir o indivíduo ao ambiente habitado, valendo a paisagem como um esboço dos indivíduos e o valor psicológico que a obra o legitima.

A tendência estética é de extrema importância quando se coloca em prol, a análise de uma espacialidade. Segundo Dimas (1987, p.56) “o romance realista, na verdade, é exímio em oferecer pistas colaterais, referentes ao espaço, que nos permitem acompanhar a trajetória dos personagens de forma a não prestar atenção exclusiva à ação”. Essa estética muito se utiliza dos aportes oferecidos pelas geografias, as quais prende atenções a construção e enleio na narrativa.



Observa-se na passagem abaixo o poder psicológico provocado pela espacialidade. Em consonância com Azevedo (2014, p.51),

Os papagaios pareciam também mais alegres com o domingo e lançavam das gaiolas frases inteiras, entre gargalhadas e assobios. A porta de diversos cômodos, trabalhadores descansavam, de calça limpa e camisa de meia lavada, assentados em cadeira, lendo e soletrando jornais ou livros; um declamava em voz alta versos de “Os lusíadas”, com empenho feroz, que o punha rouco. Transparecia neles o prazer da roupa mudada depois de uma semana no corpo. As casinhas fumegavam um cheiro bom de refogados de carne fresca, fervendo ao fogo.

Examina-se, nessa passagem, o poder psicológico provocado pela espacialidade. Esse poder age de forma precisa nas emoções dos personagens, há um ar de alegria assentado sob os cômodos, local em que trabalhadores descansavam de uma semana intensa de trabalho, compactuam a este momento um sentimento comum, o de alegria. Transparecia nestes indivíduos o prazer da roupa mudada, ação que pode parecer inocente, porém, é dona de certa significação; a roupa lavada desvenda uma limpeza também no ambiente, como se o forte cheiro saído de suas roupas lhe desafogassem a alma, permitindo-os aproveitar os momentos bons, bem como o “cheiro bom de refogados de carne fresca, fervendo ao fogo” que saía dos casebres.

De início, os espaços apresentados na obra têm caracteres amplos, como podem ser exemplificados, a pedreira e a venda. Todavia, ao decorrer da tessitura textual eles vão sendo restringidos, as casas, tinhas, quartos, e posteriormente a objetos que constituem e complementam essa espacialidade, de forma a dar significado psíquico a esses elementos. A função destes espaços no romance é intrínseca ao personagem, pois, o mesmo tem o poder de caracterização das figuras trazidas ao texto, isso porque esse elemento traz caracteres que unificam e interligam-no de tal forma, que ambos não existem sem a dependência um do outro. De acordo com Azevedo (2014, p.27),

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas uma infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tema da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia.

A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo

anil, mostravam uma palidez grisalha triste, feita de acumulações de espumas secas.

O fragmento acima corrobora com o que vem sendo discutido, a afirmação de que a espacialidade toma grandes proporções dentro do enredo romanesco, em consonância Bourneuf e Ouellet (1976, p.209) “[...] o objeto pode ainda revestir-se de uma significação simbólica”. Simbólica no sentido dado pelos indivíduos, habitantes da espacialidade em que ela significa, pelo caráter de experiência e de relacionamento psíquico e emotivo, referentes às lembranças provocadas pelo cheiro do “fartum acre de sabão ordinário”, e também da “luz loura e tema da aurora” atreladas ao último som, provindo das cantigas de guitarra da noite anterior, como um anseio de “saudade perdido em terra alheia”.

O cortiço, detentor de tantas mazelas e contrastes sociais, traz também em seu interior símbolos de felicidade e contentamento. Segundo Azevedo (2014, p.63),

Defronte da porta de Rita tinham vindo postar-se diversos moradores do cortiço, jornaleiros de baixo salário, pobre gente miserável, que mal podia matar a fome com o que ganhava. Ainda assim não havia entre eles um só triste. A mulata convidou-os logo a comer um bocado e beber um trago. A proposta foi aceita alegremente.

Essas palavras denotam ao devaneio e imaginação, no qual se prendem as imagens simples, como a perpassada pelo cortiço e seus moradores, como afiança Bachelard (1993, p.295) “[...] é preciso ultrapassar a lógica para viver o que há de grande no pequeno”. É assim que as imagens de miséria e injustiça social tornam-se em alegria e solidariedade, isso acontece devido a forma como se interpreta o óbvio, “a lógica”, existindo nesses habitantes um entendimento maior de significância psíquica que se guarda naquele pequeno espaço, que é o do cortiço, no qual “não havia entre eles um só triste”.

Azevedo apresenta a venda, lugar coletivo, que, por sua vez, tem no enredo grande significação, pois é a partir dela que se iniciam os anseios de riqueza, onde o frege urge a toda, num pique crescente de agitações e sons, como demonstradas nesse trecho do livro, segundo Azevedo (2014, p.36),

Ao lado, casinha de pasto, a Bertoleza, de saias arrepanhadas ao quadril, o cachaço grosso e negro, reluzindo de suor, ia e vinha de uma panela à outra, fazendo pratos, que João Romão levava de carreira aos trabalhadores assentados num compartimento junto. Admitira-se um novo caixeiro, só para o frege, e o rapaz, a cada comensal que ia

chegando, recitava, em tom cantado e estridente, a sua interminável lista das comidas que havia. Um cheiro forte de azeite frito predominava. O parati circulava por todas as mesas, e a cada caneca de café, de louça espessa, erguia um vulcão de fumo tresandando a milho queimado. Uma algazarra medonha, em que ninguém se entedia! Cruzavam-se conversas em todas as direções, discutia-se a berros, com valentes punhados sobre a mesas. E sempre a sair, e sempre a entrar gente, e os que saíam, depois daquela comezaina grossa, iam radiantes de contentamento, com a barriga cheia, a arrotar.

O cenário descrito é de total inquietação, burburinho, assim como a circulação de pessoas, comidas e demais objetos. Porém é notável o nível de sonho evocado pela espacialidade, os cheiros, as falas próprias aquela situação, o entre sai de pessoas, e as conversas exaltadas, desencadeiam no leitor o lado imaginativo, uma espécie de sensibilidade provinda dessas imagens e que de acordo com Schuler (2000, p.62) “o espaço, textualmente construído, indiferente à paisagem observável, cria atmosfera de sonho”, intuído nessa frase, “ iam radiantes de contentamento, com a barriga cheia, a arrotar”, sendo este ambiente provedor de comida, emanando contentamento, existido no preenchimento que a barriga cheia proporcionava a aqueles que lhe frequentavam.

As indicações cênicas se delineiam ao longo do romance sob diversos âmbitos, exprimidas em espaços de maior ou menor significação. Há que ressaltar que de acordo com a situação e personagem, o local pode mudar de sentido, o que será exposto agora é o cortiço pelo viés da sensualidade. Azevedo (2014, p.67) afirma,

Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho do Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, rompeu vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. E seguiram-se outras notas, e outras, cada vez mais ardentes e mais delirantes. Já não eram dos instrumentos que soavam, eram líbricos gemidos e suspiros soltos em torrente, a correrem serpenteando, como cobras numa floresta incendiada; eram ais convulsos, choradas em frenesi de amor; música feita de beijos e soluços gostosos; carícia de fera, carícia de doer, fazendo estalar de gozo.

Contrastes de emoções é o que se observa neste fragmento, emoções provocadas pelo ambiente, pela música, que em um trocar de ritmos provoca variadas sensações. O primeiro ritmo, o fadinho português tem um ar melancólico e triste, provocador de tristeza, alastra uma intensa saudade da terra natal. Já o outro, um chorado baiano,

brasileiro, emana alegria, sensualidade, como se exprimisse através dele tórridas noites de amor, acendendo um fogo, afeito de intensos frenesis de beijos, carícias e gozo; fazendo desse espaço, um restrito local, dono de ares de volúpia e paixão.

O instinto de coletividade é também por vezes expresso pela topografia do ambiente, que exala daquela pobre gente do cortiço o anseio de proteção. Conforme Bachelard (1993, p.200) “[...] todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência na noção de casa [...] a imaginação trabalha nesse sentido quando o ser encontrou o menor abrigo: veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis”. Os indivíduos desse âmbito sentem-se protegidos, já que é o único a que conhecem, ao qual podem contar com seu abrigo, e quando veem seu ambiente ameaçado, como exemplificado na cena em que o cortiço sofre um ataque e é invadido pela polícia, lhes surgem espíritos de luta e zelo para com aquele local. De acordo com Azevedo (2014, p.116),

De cada casulo espivavam homens armados de pau, achas de lenha, varais de ferro. Um empenho coletivo os agitava agora, a todos, numa solidariedade briosa, como se fossem desonrados para sempre se a polícia entrasse ali pela primeira vez. Enquanto se tratava de uma simples luta entre rivais, estava direito! “Jogassem lá as cristas, que o mais homem ficaria com a mulher”, mas agora tratava-se de defender a estalagem, a comuna, onde cada um tinha a zelar por alguém ou alguma coisa querida.

Enquanto a luta era travada sob a direção das pessoas que viviam no cortiço ainda se ia, porém, quando já a briga tinha a polícia pelo meio o assunto era outro. Esse acontecimento trouxe a narrativa a intimidação da honra dessas pessoas, os seus brios estavam sob ameaça, ameaça essa havida por parte da polícia, que cada vez que ocorria uma confusão, em ambiente de cortiço, destruía tudo ao seu alcance, saía de lá deixando ruínas.

Por isso a todos era de importância que se fizessem juntos, cada um com uma arma, a mais forte que possuísem, para que pudessem defender “a estalagem, a comuna, onde cada um tinha a zelar por alguém ou alguma coisa querida”. Isso só se originou porque há neles o signo da simplicidade, condição provocada naqueles em que vivem a escassez de perto e, por isso, apegam-se a simplicidade das coisas, criando neles uma atmosfera de sonho, no qual se tornava inexistente as paisagens observáveis.

A transformação operou-se sob o espaço ao decorrer da história, a mudança ocorreu depois da invasão da polícia ao cortiço onde nada sobrou a não ser destroços e cacarecos para todos os lados. De acordo com Azevedo (2014, p.182),

Daí a dias, com efeito, a estalagem metia-se em obra. A desordem do desentulho do incêndio sucedia a do trabalho dos pedreiros; martelava-se ali pela manhã até a noite, o que aliás não impedia que as lavadeiras continuassem a bater roupa e as engomadeiras reunissem ao barulho das ferramentas o choro falso das suas eternas cantigas. As que ficaram sem casa foram aboletadas a trouxe-mouxe por todos os cantos, á espera dos novos cômodos. Ninguém se mudou para o “Cabeça de Gato”.

A espacialidade estava a acompanhar as expansões de seu dono João Romão. Essa ponte é construída através do relacionamento com o meio, onde é o marco geográfico que alavanca as finanças, assim como sua vida, aliando nível ideológico e nível estético em um só personagem. Azevedo (2014, p.193-194) alega,

[...] o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava ideia do que fora. O pátio, como João Romão havia prometido, estreitara com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lâmpadas grandes, simetricamente dispostos. Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras de água e três banheiros. Desapareceram as pequenas hortas, os jardins de quatro a oito palmos e os imensos depósitos de garrafas vazias. Á esquerda, até onde acaba o prédio do Miranda, estendia-se um novo correr de casinhas de porta e janela, e daí por diante, acompanhado todo o lado do fundo e dobrando depois para a direita até esbarrar no sobrado de João Romão, erguia-se um segundo andar, fechado em cima do primeiro por uma estreita e extensa varanda de grades de madeira, para qual se subia por duas escadas, uma em cada extremidade.

Enfim conseguiu o vendeiro, realizara seu sonho primeiro, de fazer uma estalagem grande e rendosa de lucros. O ambiente finalmente saía dos planos imaginários de João Romão para as conjecturas reais de fato. Aquele local insalubre, vil e grotesco, deu lugar a uma estalagem cheia de requintes aristocráticos e com ares burgueses.

### **Considerações finais**

Ao longo deste artigo, foram abordados a espacialidade, assim como construção da mesma na obra O cortiço de Aluísio Azevedo, a estética a qual pertence, o Realismo, bem como o enleio do espaço com o personagem. Por meio do enredo se pôde constatar a mudança significativa e efêmera como a do espaço do cortiço, em um local de valores

significativos, onde apontou-se também a sua repercussão psicológica e a concentração imaginativa que o envolve.

Embora o olhar apresentado sob a análise do livro, tenha visado aos aspectos de experiência e vínculo psicológico, não se pode negar que à primeira vista o espaço do livro “O cortiço”, é enxergado como um mero pano de fundo, no qual há uma geografia literária presa a situar lugares reais, verossímeis; sugerido por preceitos aviltados pela estética Realista a que concerne. Trabalhos de natureza meramente descritiva, nada tem com a singularidade de estudos voltados a literatura, pois quando muito, oferecem um apoio a ilustração de cenários. Em vista disto optou-se pelo estudo da geografia do espaço, voltada a significação dada por aqueles que a habitam, que a vivem na sua intensidade psíquica.

A construção da espacialidade dá-se pelo olhar atencioso do leitor, que a descobre como prioritária e determinante no desenvolvimento da ação. Essa visão da narrativa, pôs ingredientes ao espaço, revelando-lhe funções, como harmonia, organicidade, traços de cultura, posicionamento social e época.

## Referências

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BACHELARD, Gaston. **Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50. Ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BOURNEUF, Roland. OUELET, Rêal. **O universo do romance**. Coimbra: Almedina, 1976.
- CÂNDIDO, Antonio. **Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 5 ed. v. 4. São Paulo: Global, 1999.
- DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Ática, 1987.
- MOISÉS, Massaud. **Análise literária**. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A criação literária: Prosa I**. 21 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: Introdução aos estudos literários**. 2 ed. Lisboa: Almedina, 1999.
- ROSENFELD, Anatol. **Texto Contexto II**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- SHULER, Donald. **Teoria do Romance**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- TACCA, Oscar. **As vozes do romance**. Coimbra, 1983.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( ) Monografia  
 Artigo

Eu, Dina Maria Santos da Silva,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
A atuação da especialidade na obra "O castigo" de  
Aluisio Aguiar  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 06 de dezembro de 2019.

Dina Maria Santos da Silva  
Assinatura

Dina Maria Santos da Silva  
Assinatura